

# Tiroteios e masculinidades, por Joanna Burigo

*(CartaCapital, 15/06/2016) A forte relação entre masculinidade e violência pode ser observada nos casos de tiroteio em massa dos Estados Unidos*

É entristecedora a frequência com que notícias sobre tiroteios em massa nos Estados Unidos pautam a mídia internacional. O FBI define um *assassinato em massa* como um incidente envolvendo quatro ou mais vítimas e, de acordo com esta definição, desde 2006 mais de 200 ocorreram no país.

A mais recente manifestação pública de uma tragédia assim se deu no domingo 12 de junho no clube noturno Pulse em Orlando, Flórida. A casa era reconhecida como um “espaço seguro” LGBT, e a morbidez da ironia *post-factum* só faz colaborar com a intrincada narrativa que envolve este infeliz evento.

Não faltaram versões sobre o responsável pelo ataque, Omar Mateen, morto a tiros pela polícia. Ao mesmo tempo em que circulavam histórias enquadrando o cidadão norte-americano e filho de imigrantes afegãos como um rapaz solitário, de comportamento instável, com perturbações mentais e inclinação para a violência, o presidente Barack Obama o qualificava como um bom exemplo do “extremismo cultivado em solo doméstico”.

Na profusão de matérias sobre Mateen aprendemos que ele era filiado ao partido democrata, que já tinha sido investigado pelo FBI, que não tinha ligações oficiais com o Estado Islâmico, que era homofóbico, e que havia sido casado, mas por poucos meses e o divórcio aconteceu em virtude de violência doméstica.

Inferências apressadas a partir de informações como estas apontam para os mais diversos preconceitos – não os do atirador, mas sim os da audiência. Ao mesmo tempo em que contemplamos a salada midiática que se tornou a subjetividade de Mateen, nos embrenhamos em uma salada interpretativa sobre suas supostas motivações para o crime.

É sempre assim com as narrativas que reportam massacres públicos deste porte: mudam o cenário e os grupos aos quais pertencem as vítimas e algozes e, com eles, mudam os comentários de repúdio - ao horror e a quem o cometeu.

Os fatos e as histórias não são particularmente coerentes, e tampouco os números são confiáveis - de acordo com pesquisa feita pelo jornal *USA Today* sobre ataques como esse, mesmo os dados do FBI são imprecisos. Ainda assim, algumas circunstâncias comuns a estes eventos são relativamente previsíveis - como, por exemplo, o gênero de quem os empreende.

Os efeitos nocivos da masculinidade tóxica merecem atenção, especialmente nestes casos, e o brilhante trabalho do sociólogo Michael Kimmel por décadas vem iluminando as relações entre masculinidades e violência.

Logo após um destes tiroteios (Sandy Hook, em 2012), Kimmel sugeriu que é preciso expandir a conversa sobre crimes assim, propondo que o elemento "gênero" seja sempre criteriosamente analisado junto às outras motivações citadas com frequência, como acesso facilitado a armas ou aflições psíquicas. Os números justificam essa proposição.

Massacres públicos somam 15% das mortes por assassinatos em massa nos Estados Unidos. Chocantemente, 53% destes ataques - a maioria dos casos, portanto - ocorre em ambientes domésticos, e em razão de coisas como relacionamentos terminados e discussões familiares. Não chegamos a ficar sabendo da maioria deles, afinal as notícias geralmente enquadram tais crimes como disputas da ordem privada.

Imagens como as da tragédia de Orlando capturam a atenção do mundo, mas cenas parecidas acontecem com uma constância alarmante, e bem longe do nosso escrutínio. Segundo a já citada investigação do *USA Today*, para a qual foram examinados dados do FBI, bem como relatos em delegacias de polícia e veículos de comunicação regionais, crimes desta natureza acontecem com muito mais assiduidade do que os relatórios oficiais e a grande mídia reportam.

Somando-se os massacres públicos, que tendem a ser bastante noticiados, e

os privados, que tendem a não virar manchete, um número salta aos olhos: 94% dos suspeitos de cometer assassinatos em massa - dos dois tipos - são homens. Este dado é muito significativo para ser desconsiderado.

Como Mateen, cada um dos homens que compõem estes 94% é constituído por uma série de eixos de identidade - como classe, credo, cor - que, sozinhos, não dariam conta de explicar porque cada um cometeu seu crime. Nem mesmo o eixo "gênero" poderia - vide os outros 6% de suspeitos.

Assim é impossível sabermos com exatidão quais foram as motivações de todos estes homens. Além do mais - e como também é o caso com Mateen - um número alto deles não sobrevive aos ataques, que muitos inclusive premeditam como uma forma de suicídio.

No caso de Orlando, diferentes fontes apontam para diferentes interpretações sobre as supostas motivações: terrorismo doméstico, extremismo religioso, crime de ódio, homofobia, xenofobia, ou todos, ou nenhum.

O maior tiroteio em massa da história dos EUA (ou ao menos dos séculos XX e XXI, pois se fôssemos incluir massacres indígenas e do período escravocrata nesta conta, bem, a equação teria que ser outra) aconteceu na noite latina de uma boate gay pelas mãos de um americano muçulmano declaradamente homofóbico e comprovadamente misógino.

É um caso complexo, e a narrativa deste horror é tão pós-moderna quanto a exposição midiática da subjetividade de seu protagonista. Mas ainda assim ele não deixa de ser um homem.

Podemos e devemos e é certo que continuaremos especulando sobre as motivações e disputando as narrativas sobre este evento, seja comparando-o com outros ou reforçando suas especificidades. As dores são reais, e múltiplas, e talvez cada interpretação some porções importantes à história toda.

Mas não é preciso ser feminista para observar - meramente observar - que ao menos um dos dados demográficos que definem quem são os atiradores em massa dos Estados Unidos evidencia uma forte relação entre violência e

masculinidade.

Todos os homens são violentos? Não. Mas Omar Mateen, assim como 94% dos suspeitos e 61 dos 62 atiradores responsáveis pelos assassinatos em massa dos últimos 30 anos nos EUA, era um homem. Há um padrão de violência aí que não deve ser menosprezado.

**Acesse no site de origem:** [Tirroteios e masculinidades, por Joanna Burigo \(CartaCapital, 15/06/2016\)](#)

---

## **‘Homofobia é construída no cotidiano, desde a infância’, afirma psicóloga**

**(Rede Brasil Atual, 15/06/2016)** Segundo Grazielle Tagliamento, debater as questões de gênero nas escolas é o método mais eficiente para combater a homofobia

O Brasil lidera o ranking mundial de assassinatos a homossexuais. Só em 2015 foram registradas 318 mortes de gays, travestis, lésbicas, bissexuais e transexuais, segundo o Grupo Gay da Bahia (GGB). O principal motivo para os crimes é o ódio ao diferente, afirma a psicóloga Grazielle Tagliamento, integrante da Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia.

**Leia mais:** [Professores gays carbonizados em carro levam cidade do sertão baiano às ruas \(BBC Brasil, 15/06/2016\)](#)

“Justamente por conta dessa padronização da heterossexualidade na sociedade, que é uma construção social, os espaços jurídicos, políticos e religiosos colocam como anormal o desvio desse padrão. A partir do momento

que eu considero todas as orientações sexuais parte do padrão, qual espaço que sobra para o campo de poder? Já que a heterossexualidade faz parte de um campo de poder na sociedade, e perdê-lo acaba incomodando as pessoas e traz reações. Dependendo dos discursos na sociedade, isso acaba impulsionando as pessoas a eliminarem esse diferente”, diz a psicóloga em entrevista à repórter Camila Salmazio, para a Rádio Brasil Atual.

Grazielle enfatiza que a construção do preconceito se inicia na infância. A psicóloga destaca a importância de debater as questões de gênero nas escolas. “Da mesma forma que vamos aprendendo a odiar esse diferente, nós temos cada vez mais de trabalhar dentro da educação familiar e escolar a desconstrução dessa versão. Nós não aprendemos a nos aproximar do diferente, mas, sim, a sermos aversivos. Temos que discutir isso nas escolas, mas há uma reação contrária para que não haja essa discussão, alimentando mais essas situações de intolerância.”

Leonardo Favre, relações públicas da Editora Boitempo e pesquisador literário, assumiu a homossexualidade ainda na infância. Para ele, a homofobia está implícita em pequenas ações do dia a dia. “A questão voltada aos LGBTs é recordada quando uma pessoa é agredida. Isso é a radicalização de tudo. Mas, se não conseguirmos discutir as outras violências que estão montadas nesse cenário, não vai mudar nada. Isso é a mesma chave da violência contra a mulher, que é radicalizada no estupro, ou no racismo, radicalizado em uma injúria. O cenário que monta essas desigualdades é a maior violência, porque ele permite que as pessoas cometam essas atrocidades diariamente e não enxergarem isso.”

A violência contra a comunidade LGBT se dá também pela falta de representatividade nos espaços de poder, nos veículos de comunicação e na indústria cultural, segundo Leonardo. “A própria indústria cultural colabora muito com isso. Nas novelas e nos programas humorísticos, o espaço concedido ao homossexual é o do humor. A ausência dessas pessoas em literatura ou outros ambientes é uma violência. A ausência é uma violência. Não se cria repertório e quando não se tem isso, não tem uma normalidade.”

**Acesse no site de origem: [‘Homofobia é construída no cotidiano, desde a](#)**

[\*infância', afirma psicóloga \(Rede Brasil Atual, 15/06/2016\)\*](#)

---

# **Homofobia: Bolsonaros e Felicianos puxam o gatilho, por Felipe Pena**

**(Extra, 15/06/2016)** Leia os comentários da foto. Respire. Leia novamente. Vou pular um parágrafo antes de recomeçar.

O massacre foi em Orlando. Os comentários são de brasileiros. Mas não há distância quando o assunto é homofobia. Assim como existe uma cultura do estupro, evidenciada pelos relatos de mulheres que, diariamente, sofrem violência sexual no Brasil e em várias partes do mundo, também existe uma cultura da homofobia, cuja evidência não está apenas nos comentários acima, está na apatia de quem os lê sem indignação, está nos atos criminosos contra a comunidade LGBT, está na disseminação do ódio feita por personagens públicos como os deputados Jair Bolsonaro e Marcus Feliciano.

**Leia mais:** [\*Jean Wyllys denuncia à PF grupo que ameaça defensores da causa LGBT \(O Globo, 15/06/2016\)\*](#)

Se você apoia uma dessas figuras, não se iluda, há sangue em suas mãos. Na engrenagem da intolerância, o gatilho nunca é puxado por uma única pessoa. O respaldo social potencializa a raiva, lustra a arma, coloca a munição.

Mais uma vez, recorro ao conceito de “narcisismo das pequenas diferenças”, explorado por Sigmund Freud nos textos *Psicologia de grupo* (1921) e *Mal-estar na Civilização* (1930). Para Freud, a civilização, sob o império da lei, é a responsável pela inibição da agressividade humana, que é uma expressão narcísica do ego. No entanto, tal narcisismo agressivo rompe a barreira do recalque e se manifesta publicamente quando incentivado por líderes que se

supõem acima da lei (e, portanto, da civilização) ou quando avalizados por um grupo que recorre a pequenas diferenças em relação ao outro para justificar a barbárie.

Os seguidores de Bolsonaro e Feliciano seguem essa lógica e dão vazão aos recalques narcísicos atacando as diferenças de grupos que elegem como rivais. Daí a constante referência agressiva a homossexuais, negros e feministas. Em muitos casos, tal referência esconde algo ainda mais profundo: um desejo reprimido de ser o outro. Por isso, considero muito provável a hipótese de que ambos, Bolsonaro e Feliciano, usem a violência contra grupos LGBT como forma de reprimir seu próprio desejo homossexual.

No caso do atirador em Orlando, a polícia já descobriu que ele era frequentador da boate gay e tinha relações homossexuais frequentes. Tentou-se inventar uma motivação religiosa para o ataque, mas o fato é que ódio ao próprio desejo foi a mais provável justificativa para os atos de barbárie que ele cometeu.

Se você concorda com os comentários da foto, só me resta uma pergunta:

Qual é a sua justificativa, (e)leitor?

*Felipe Pena é jornalista, psicólogo, professor da UFF e autor de 15 livros, entre eles “No jornalismo não há fibrose”, e “O verso do cartão de embarque”.*

***Acesse no site de origem: [Homofobia: Bolsonaros e Felicianos puxam o gatilho, por Felipe Pena \(Extra, 15/06/2016\)](#)***

---

# **O massacre em Orlando, o**

# estupro no Rio e a individualização da violência, por Thiago Coacci

**(HuffPost Brasil, 14/06/2016)** Orlando, madrugada de 12 de junho, 50 pessoas são mortas em uma boate LGBT e tantas outras saem feridas. Rio de Janeiro, entre os dias 21 e 22 de maio, uma jovem indicou que foi estuprada coletivamente por cerca de 33 homens.

O que esses dois casos têm em comum, além da barbaridade e de atrair a comoção pública? Muito, e a forma como lidamos com esses casos diz muito de como compreendemos a violência.

No caso do Rio de Janeiro, em pouco tempo já começaram a circular fotos da vítima, *print screens* de posts do seu *Facebook* e uma série de informações sobre sua personalidade. Aos poucos, também se descobriu quem eram os estupradores e o mesmo aconteceu com eles: suas informações foram divulgadas para que toda a população soubesse quem foram as pessoas cruéis que cometeram a barbaridade.



Ricardo Moraes / Reuters



No caso de Orlando não foi diferente. Rapidamente todo o mundo ficou sabendo quem era o assassino, que ele era muçulmano, havia jurado lealdade ao Estado Islâmico e mais no final do dia circulou o boato de que era frequentador da casa noturna e que possuía perfil no Grindr, um app de “pegação gay”.

*Acredita-se que ao investigar a pessoa será possível explicar a violência, mas será mesmo?*

Todo esse volume de dados pessoais sobre as vítimas e os agressores são levantados por duas razões. A primeira razão é a combinação entre a vontade de saber da população e a vontade de vender da mídia, que produz freneticamente informações para a população que deseja vorazmente consumir tudo sobre o novo escândalo global. A segunda razão - e a que me interessa aqui -, é que esses dados são levantados para explicar por que a violência aconteceu, para que as pessoas tentem dar algum sentido a barbaridade e descubram de quem é a culpa.



A partir dos dados levantados, pelo menos, duas teses são frequentemente formuladas. A primeira, de que a vítima é culpada pela violência. Seu comportamento, sua forma de vestir, tudo levava para aquele resultado. A

segunda tese, de que o agressor era doente ou uma pessoa com sérios desvios, como no caso específico, o suposto fanatismo religioso islâmico.

Acredita-se que ao investigar a pessoa será possível explicar a violência, mas será mesmo?

### **Acredito que não.**

A busca por informações pessoais da vítima e dos agressores talvez interesse ao sistema penal e suas regras de dosimetria da pena, mas não deveria interessar para o debate público, pois promete explicações que não consegue dar e desvia o foco para o sujeito, quando deveria estar em outro lugar.

Outro ponto em comum entre os dois casos é o fato de que eles não são casos isolados. Com certeza são casos extremos e com dimensões que fogem do comum, mas o estupro de meninas e o assassinato de pessoas LGBT acontecem diariamente, com uma frequência muito maior do que gostaríamos de admitir.

Há uma regularidade perversa nesses casos, que acontecem frequentemente, com requintes de crueldade e tirando esses casos que se despontaram na mídia, tendem a ter uma certa aceitação social. Isso porque não é uma simples violência arbitrária, mas um tipo específico de violência que só pode ser entendido se pensarmos de forma sistêmica e não individual: o caso bárbaro de Orlando, guardadas as devidas proporções, não é diferente do assassinato de uma travesti na avenida de Belo Horizonte. Há fios que conectam todas essas violências e que precisam ser expostos, nomeados e enfrentados: o machismo e a LGBTfobia\*.

*A violência física e o estupro são ferramentas que essas opressões têm para nos dominar, para garantir que a opressão estrutural permaneça e se reproduza*

A LGBTfobia e o machismo são formas estruturais de opressão e a violência física é apenas uma das formas com que se expressam. Essas formas de opressão atravessam e influenciam toda a nossa vida, desde a forma como andamos (“anda como homem!”), nos vestimos (“essa roupa não é adequada para uma mocinha”), quais empregos podemos ter, se é que podemos ter um

emprego.

Elas são tão arraigadas em nossa sociedade que ganham uma aparência de “natural”, de modo que, na maior parte do tempo, nem vemos a opressão, ela se torna invisível. A violência física e o estupro são ferramentas que essas opressões têm para nos dominar, para garantir que a opressão estrutural permaneça e se reproduza, para punir aquelas pessoas que ousam fugir dos padrões.



É por isso que a pergunta pelas características individuais dos envolvidos no caso pouco ajuda, pois não dá conta da dinâmica coletiva e sistêmica. Se queremos explicar essas violências, devemos olhar para a nossa cultura que diz incansavelmente que mulheres, gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais são inferiores, que manda tacar pedra na Geni, que chama torcedor de Maria.

Devemos olhar para nosso Estado que pouco faz para interromper essa violência e também para os políticos que se unem para retirar “gênero” dos planos de educação. A individualização desses casos não apenas erra em explicar, como serve de mecanismo para manutenção da opressão como invisível.

Por último, é importante lembrar que se uma violência é sistêmica e estrutural, a resposta não pode ser individual e pontual. Punir esse caso é como tapar apenas um dos buracos de um encanamento todo furado, a água simplesmente continuará a vazar por outros pontos. As respostas devem ser complexas, atravessar todas as dimensões de nossa vida e articular ações no plano coletivo e individual. Para que a mudança ocorra, no plano individual, a reprodução da cultura machista e lgbtfóbica precisa ser interrompida.

Isso significa um compromisso cotidiano com coisas aparentemente banais, como não tolerar mais uma piadinha lgbtfóbica no grupo de família do whatsapp, por exemplo. No plano institucional, é fundamental exigir do Estado uma série de medidas educativas, preventivas e punitivas como, por exemplo, inserir discussões sobre gênero nas escolas, criar abrigos para pessoas LGBT expulsas de casa, fomentar a produção cultural LGBT, impulsionar a empregabilidade de pessoas trans, investigar e punir os mais variados atos discriminatórios e violentos.

Não quero saber quem era o atirador, a menina ou os 33 homens, os detalhes de suas vidas não me interessam. Na verdade, todos nós criamos as condições para que esse tipo de tragédia continue a acontecer e por isso todos nós precisamos agir para que casos como o do Rio ou de Orlando nunca mais aconteçam.

*\*O movimento LGBT decidiu na 3ª Conferência Nacional LGBT por adotar oficialmente o termo LGBTfobia para abranger a homofobia, a lesbofobia, a bifobia e a transfobia. Acredito que o termo ainda é inadequado, mas para não perder o foco evitarei esse debate.*

***[Acesse no site de origem: O massacre em Orlando, o estupro no Rio e a individualização da violência, por Thiago Coacci \(HuffPost Brasil, 14/06/2016\)](#)***

---

# **Viva Maria: Pesquisadora analisa crime de ódio contra homossexuais na boate Pulse**

*(Radioagência Nacional, 14/06/2016)* Sob o signo do terror e do ódio que motivaram o massacre em Orlando na madrugada do último domingo, Viva Maria desta terça-feira (14) tem mais perguntas a fazer do que respostas a dar diante desse ato considerado o pior ataque a tiros da história dos Estados Unidos.

Em meio aos sentimentos de dor , revolta e impotência que nos assaltam, vamos ouvir Jackeline Romio, que é doutoranda em Demografia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e que se dedica ao estudo de mortes violentas, relações raciais, violência contra mulher e gênero.

Ela enumera as causas da tragédia na boate Pulse, que levaram à morte de pelo menos 50 pessoas, e traça relações com o atual cenário brasileiro e mundial - que, segundo ela, favorece o aumento da violência de gênero e de raça.

***Acesse no site de origem: [Viva Maria: Pesquisadora analisa crime de ódio contra homossexuais na boate Pulse \(Radioagência Nacional, 14/06/2016\)](#)***

---

## **Preconceito mata e essa responsabilidade é de todos nós,**

# por Débora Prado

***(Débora Prado/Agência Patrícia Galvão, 13/06/2016) Três considerações sobre o que o massacre em Orlando (EUA) diz sobre nós mesmos e o nosso tempo***

## **1) O que sabemos do atirador?**

**Muito pouco, mas o que sabemos é perversamente familiar.**

As [informações](#) que chegam pela imprensa internacional sobre Omar Mateen descrevem um homem jovem, de 29 anos, que trabalhava como segurança armado e aparecia em muitas fotos usando emblemas policiais. O pai afirmou que seu filho ficou “muito bravo” após ver dois homens se beijando no centro de Miami recentemente. Sua ex-esposa, Sitora Yusufiy, contou ao jornal norte-americano *Washington Post* que sofreu violência doméstica: “ele me batia. Ele chegava e começava a me bater porque as roupas não estavam lavadas ou coisa do tipo”, afirmou.

A relação do atirador com o fundamentalismo religioso não está clara até este ponto. Segundo Sitora Yusufiy, no tempo em que foram casados, Omar não era muito religioso, sendo mais entusiasta da academia do que da reza.

A ação foi reivindicada pelo Estado Islâmico, por um lado; por outro, a origem afegã de seus pais pode facilmente conduzir a um caminho de preconceitos até a conclusão que a “culpa” é do mal terrorista. Ou, de um modo mais individualizante, o caso pode ser abordado, mais uma vez, como um ato isolado de ‘monstruosidade’ ou de ‘perturbação mental’ do atirador. Seriam saídas fáceis que reforçam sistemas de estereótipos ao invés de debater as transformações necessárias para prevenir de um modo efetivo os crimes de ódio.



Infelizmente, Omar não é a exceção. Diante das poucas informações disponíveis, encontramos nesse jovem elementos comuns a uma masculinidade que nos é perversamente familiar e hegemônica. Que está presente nos alertas de enfrentamento à violência contra as mulheres que buscam debater gênero e construção dos papéis tidos como 'masculinos', onde a violência e agressividade são lidas como características de pertencimento a uma heterossexualidade compulsória.

Muitas das entrevistas que realizamos para o [Dossiê Violência contra as Mulheres](#) (veja abaixo alguns exemplos) são perfeitamente pertinentes para debater homofobia - ou seja, precisamos [discutir sexo, gênero e desejo](#) com urgência para construir masculinidades menos violentas.

## 2) O que sabemos do machismo e da LGBTfobia?

**Que a invisibilidade mata, mas que, sem apoio social e institucional, a visibilidade também é um caminho perigoso.**

Preconceito e discriminação contra a população LGBT andam de mãos dadas, manifestam-se nos espaços familiar, profissional e social de maneira muitas vezes velada. Especialistas

recomendam visibilizar essas diversas violências a fim de provocar debate e mudanças de atitudes necessárias e urgentes.



A piada, a invisibilidade na mídia, na escola ou espaço público, a hierarquização das formas de ser constroem o caminho do desvalor de pessoas. Ao não se enquadrarem em normas hegemônicas, essas pessoas terão que conviver com a violência como um dado da sua existência - tanto a concretizada, quanto o medo de que se concretize na próxima esquina ou mesmo em casa.



É essencial, porém, que o ato corajoso de visibilizar o que querem apagar seja respaldado pelo Estado e pela sociedade. Isso quer dizer que quem concorda que o massacre em Orlando é um exemplo de ódio e do pior da humanidade e, ao mesmo tempo, se diz contra discutir gênero e diversidade nas escolas ou na mídia precisa rever urgentemente seus conceitos e refletir sobre a ligação da violência fatal com preconceitos naturalizados a tal ponto que são reproduzidos todos os dias como se nada tivessem a ver com violências graves, a exemplo de alguns debates bem atuais no Brasil:

- Considerar que existe um 'exagero' por parte de quem denuncia preconceitos e discriminações e que é muito chata essa 'ditadura do politicamente correto', colocando o conforto das falsas certezas e hábitos acima de questões de vida e morte dos 'outros'.
- Pensar que uma piada é inofensiva. Ou afirmar que tudo bem as pessoas serem gays, lésbicas ou bis, mas elas não precisam andar de mãos dadas ou demonstrar qualquer tipo de afetividade não heterossexual por aí.
- Considerar o direito ao nome social de pessoas trans uma questão menor.
- Que violência doméstica é só uma 'briga de marido e mulher' ou que se as mulheres soubessem se comportar haveria menos violência.
- Que não vê um grande problema em políticos eleitos - portanto pretensamente representantes desta sociedade e deste tempo - vociferarem as piores homofobias e machismos, como fazem [Bolsonaros](#), [Felicianos](#), [Levys](#), [Joãos Campos](#) e [tantos outros](#).
- Que não sabe distinguir o direito inalienável à religiosidade que cada pessoa tem da crítica aos ataques ao Estado laico, ao fundamentalismo religioso e àqueles que deturpam fés para discriminar, vigiar e punir (e também lucrar).
- Que defende veemente um modelo único de família e aceita a proposta de leis discriminatórias como o [Estatuto da Família](#).
- Que acha que tudo isso não tem nada a ver com os assassinatos em Orlando e que a solução está em mais rigor na 'guerra ao terror', e não na formação para a não discriminação.

A piada, a invisibilidade na mídia, na escola ou espaço público, a hierarquização das formas de ser constroem o caminho do desvalor de pessoas que, por não se enquadrarem em normas hegemônicas, terão que



conviver com a violência como um dado da sua existência - tanto a concretizada, quanto o medo de que ela se concretize na próxima esquina ou mesmo em casa.

Essa construção coletiva do desvalor irá determinar também quais vidas importam. Em outras palavras, quais vidas podem ser tiradas repetidamente, como tragédias anunciadas, sem que nada aconteça - como o genocídio da juventude negra e pobre, os feminicídios e os crimes lesbo, bi, trans e homofóbicos que ocorrem no Brasil -, sem que a sociedade se mobilize para cobrar a responsabilidade do Estado, que por ação ou omissão, é cúmplice dos assassinos em todas essas mortes.

### **3) O que podemos fazer diante do que sabemos?**

#### **Ir do luto à luta.**

Estupros coletivos, assassinatos e execuções, crimes de ódio homofóbicos ACONTECEM TODOS OS DIAS. Aconteceu com [Luana em Ribeirão Preto](#), aconteceu no [Rio de Janeiro](#), no [Piauí](#), aconteceu em [Orlando \(EUA\)](#). Essas vidas não podem ser tiradas sem que nada aconteça.

Precisamos cobrar dos Estados políticas públicas efetivas de enfrentamento a discriminações e violências, com investimento sério em serviços de acolhimento às vítimas, responsabilização de agressores e educação para prevenção. Precisamos cobrar de organismos internacionais uma atuação enfática junto às nações para que isso aconteça.

Precisamos cobrar de nós mesmos a autocrítica, a capacidade de rever e desconstruir estereótipos e preconceitos naturalizados e enraizados que nos fazem ser autores ou espectadores silenciosos dos preconceitos cotidianamente. Precisamos formar crianças e adultos que vivenciem diferenças como diversidade e não desigualdades, que conheçam e defendam os direitos humanos. Precisamos quebrar o pacto de silêncio e conivência com preconceitos, discriminações e violências nos espaços públicos e privados.

Precisamos de um basta coletivo para dar visibilidade aos preconceitos mais enraizados, desconstruí-los e, assim, avançar em práticas mais plurais e respeitadas - sob o custo de sermos cúmplices de massacres ou, cedo ou tarde, sermos o 'outro', o 'errado', o 'intolerável' para alguém como Omar, para exércitos e polícias, para Estados fundamentalistas.

## Seis declarações importantes sobre a violência contra as mulheres e a LGBTfobia:

“Quando se trata de violência contra as mulheres, temos que inserir nessa equação os homens, para discutir os sentidos do que seja a masculinidade e de como a violência é importante para a constituição da masculinidade na sociedade brasileira.”

**Luiza Bairros, ex-ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial**

“Sabemos que existem masculinidades e feminilidades hegemônicas, que aparecem como se fossem produto da natureza, mas não são. No Brasil, por exemplo, entre jovens, o acesso à masculinidade plena se dá através da iniciação sexual com uma mulher, para que ele seja reconhecido como um homem heterossexual e, portanto, participe dessa masculinidade hegemônica. Aqueles que agem de forma diferente, não têm o comportamento esperado pelos outros, é feminilizado e diminuído.”

**Maria Luiza Heilborn, professora do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.**

“O machismo, o racismo, a lesbofobia, a bifobia e outras formas discriminatórias interagem diretamente entre si, produzindo e reproduzindo relações de poder que ditam qual é o papel da mulher [e também dos homens] na sociedade. Quando uma mulher desafia o papel que lhe é imposto, como é o caso das lésbicas e bis, ao transgredirem a norma heterossexual, acaba sofrendo uma violência ‘diluída’ que vem de diversas frentes. O que eu chamo de violência diluída são essas divisões. O racista, por exemplo, não se conforma em não ver naquela lésbica a ideia da mulata hipersexualizada que a sociedade vendeu a ele. O machista e lesbofóbico não se conforma em não ver na lésbica a mulher que será submissa a ele sexual e socialmente.”

**Ticiane Figueiredo, advogada e especialista em Direito Civil pela Universidade Mackenzie.**

“As violações contra as mulheres trans, de forma geral, repetem o padrão dos crimes de ódio, motivados por preconceito contra alguma característica da pessoa agredida que a identifique como parte de um grupo discriminado, socialmente desprotegido, e caracterizados pela forma hedionda como são executados, com várias facadas, alvejamento sem aviso, apedrejamento, reiterando, desse modo, a violência genérica e a abjeção com que são tratadas as pessoas trans no Brasil. Historicamente, a população trans é estigmatizada, marginalizada e perseguida, devido à crença na sua anormalidade, decorrente do estereótipo de que o “natural” é que o gênero atribuído ao nascimento seja aquele com o qual a pessoa se identifica e, portanto, espera-se que ela se comporte de acordo com o que se julga ser o “adequado” para esse ou aquele gênero.”

**Jaqueline Gomes de Jesus, psicóloga e mulher trans, doutora em Psicologia Social e do Trabalho pela Universidade de Brasília, onde atua como pesquisadora.**

“A violação dos direitos dos cidadãos LGBT é determinada principalmente pelo preconceito e pelo desconhecimento do contexto social, econômico, cultural e social em que estão inseridos e desenvolvem suas atividades cotidianas e acontece nas mais diversas esferas do cotidiano profissional e social. O preconceito pode facilmente transformar-se em discriminação, que assume muitas formas de hostilidade. A violência moral e psicológica contra aqueles que não fazem parte dos grupos socialmente valorizados e, portanto, legitimados, é a porta de entrada para outras manifestações dessa hostilidade. Pode se manifestar em violência física, ética e psicológica; na proibição de permanência e de manifestações de afeto; em proibições à admissão ou ao acesso profissional; em demissões e várias outras situações do cotidiano. Convém ressaltar que essas manifestações são, na maioria das vezes, implícitas e veladas, o que pode dificultar denúncias, mas não devem inibi-las ou impedi-las. Quanto menos falamos sobre algo, menos refletimos sobre tal tema.”

**Defensoria Pública do Estado de São Paulo em cartilha de orientação para o atendimento à população LGBT**

“As pessoas não entendem que identidade de gênero e orientação sexual são coisas diferentes e que não necessariamente caminham juntas. Dentro de casa elas estão expostas ao controle da sexualidade. Então, uma mulher lésbica sofre cárcere em casa para que não possa se relacionar, a violência sexual de irmãos, pais ou outros homens para que ela ‘aprenda’ a gostar de um pênis, que é o estupro corretivo.

Nos casos das travestis e transexuais, elas são bastante vítimas de violência sexual por causa de um senso comum que diz ‘ah, é isso que você gosta?’, então, elas são estupradas para desestimular esse processo. É também violência quando no ambiente familiar lhes tiram o nome social ou quando a mídia vai falar sobre essa travesti ou a transexual e sem nenhuma necessidade expõe o nome de registro dela, ou quando colocam sempre um tratamento masculino.

Os índices de suicídio de adolescentes LGBT são elevadíssimos porque você tem a própria questão de entender a sua sexualidade, a sua identidade, e essa relação de exclusão. E isso também é violência.”

**Rute Alonso da Silva, bacharel em Direito e presidente da União de Mulheres do Município de São Paulo.**

Fonte: [Dossiê Violência contra as Mulheres](#)

**Débora Prado** é jornalista da Agência Patrícia Galvão e coordenadora de projetos especiais do Instituto Patrícia Galvão.

---

# Muitos homossexuais não podem doar sangue para ajudar vítimas de Orlando

*(Opinião e Notícia, 13/13/2016) A recomendação americana não é exclusividade do país*

Depois do ataque na boate gay em Orlando, na Flórida, na madrugada do último domingo, 12, as autoridades de saúde pediram para que a população doasse sangue. A casa noturna é frequentada pelo público LGBT. No entanto, muitas destas pessoas não vão poder ajudar nas doações, e não é por falta de vontade, mas por uma recomendação já muito criticada por grupos de direitos humanos.

Homens que fazem sexo com outros homens não podem doar sangue a não ser que estejam em abstinência sexual de no mínimo 12 meses. Esta é uma recomendação de doação de sangue revisada em dezembro do ano passado nos Estados Unidos. Antes dessa revisão, uma lei criada em 1983 proibia homens que fizeram sexo com outros homens a partir de 1977 (no auge da epidemia da Aids), de doar sangue nos Estados Unidos.

A política do FDA, órgão americano que controla alimentos e medicamentos, é uma recomendação para os bancos de sangue e não uma regra legal. O banco de sangue OneBlood anunciou que está aceitando doações de homens gays diante do ataque na boate.

O questionário da Cruz Vermelha americana, entretanto, teoricamente permite que um heterossexual que teve relações sem proteção com diferentes parceiras doe sangue, mas que um homem num relacionamento estável com outro homem não. A FDA, por sua vez, diz que a recomendação é por conta de dados sobre a infecção do HIV que é “significamente maior” entre homens com múltiplos parceiros do que entre homens com múltiplas

parceiras.

A recomendação não é de exclusividade dos Estados Unidos. Muitos países exigem a abstinência de um ano ou até mesmo banem para sempre a doação de gays. No Brasil, por exemplo, a legislação é a da abstinência.

**Acesse no site de origem:** [Muitos homossexuais não podem doar sangue para ajudar vítimas de Orlando \(Opinião e Notícia, 13/06/2016\)](#)

---

## **Atentado em Orlando: um golpe para a comunidade homossexual**

**(El País, 13/06/2016)** *Visibilidade deixa os homossexuais mais livres e, paradoxalmente, os tornam um alvo mais fácil de ataques*

Foi preciso percorrer muito caminho nos Estados Unidos ao longo de décadas para que uma variada comunidade de lésbicas, homossexuais, bissexuais e transexuais (LGBT) pudesse reunir-se num sábado à noite, sem esconder-se, em uma boate de uma cidade socialmente conservadora do sul do país, como é Orlando, para desfrutar de uma bebida e um pouco de música no fim de semana em que boa parte do país celebra o Orgulho Gay.

**Leia mais:**

[Associação de defensores públicos se posiciona contra a homofobia \(Justificando, 13/06/2016\)](#)

[Nota pública da Secretaria Especial de Direitos Humanos \(SDH, 13/06/2016\)](#)

[A homofobia começa em casa e na escola, por Andrea Ramal \(G1, 13/06/2016\)](#)

[50 mortos no pior massacre nos EUA desde o 11 de setembro \(El País, 13/06/2016\)](#)

[Estado Islâmico assume autoria do ataque em Orlando \(El País, 13/06/2016\)](#)

[Atirador de boate em Orlando agredia a mulher e se incomodava com gays](#)

[\(Folha de S. Paulo, 12/06/2016\)](#)

[A Parada do Orgulho Gay mais triste da América com o ataque em Orlando \(El País, 12/06/2016\)](#)

[Desprezo a gays não se restringe a terroristas, por Raul Juste Lores \(Folha de S. Paulo, 12/06/2016\)](#)

[Movimento LGBT faz vigília em SP por vítimas de massacre nos EUA \(G1, 12/06/2016\)](#)

['Foi um ato de terror e ódio', diz Obama sobre ataque a boate gay \(G1, 12/06/2016\)](#)

[Dilma condena intolerância e preconceito ao lamentar atentado nos EUA \(Agência Brasil, 12/06/2016\)](#)

Em um desses locais, a casa noturna Pulse, morreram pelo menos 50 pessoas a tiros na madrugada deste domingo, alvo fácil de um radical armado até os dentes. Não é preciso esperar que a polícia conclua suas investigações. Com os fatos já basta: é uma matança, a primeira em décadas, em uma boate gay.

Orlando é um claro exemplo do muito que o país evoluiu desde que em 1969 um grupo de homossexuais e lésbicas começou a manifestar-se contra a repressão policial no pub Stonewall, de Nova York. Naquele momento os que demonstravam abertamente sua homossexualidade se tornavam proscritos, sujeitos a discriminação legal em todos os âmbitos imagináveis, desde a saúde até o emprego ou o Exército.

Meses depois dos distúrbios de Stonewall era inaugurado em Orlando o Walt Disney World, um dos maiores parques temáticos do mundo, consagrado à sublimação de algo tão conservador como o núcleo familiar, onde os príncipes buscavam formosas donzelas e estas sonhavam em ingressar na realeza pela via do casamento.

Hoje, até a DisneyWorld celebra dias gays neste mês de junho. Qualquer membro da comunidade LGBT pode entrar nesse vasto parque temático de Orlando para divertir-se abertamente, exibindo camisetas vermelhas para demonstrar que os conceitos de *normal* ou de *família* podem ser muito variados. É certo que a Disney não organiza oficialmente esse dia, mas o aceita com uma silenciosa solidariedade, abrindo os braços e suas caixas registradoras às dezenas de milhares de membros da comunidade LGBT que

vão a Orlando nesses dias.

Pareceria, portanto, que os EUA haviam chegado à igualdade plena. Têm até pela primeira vez um presidente que apoia o casamento gay! A Suprema Corte até reconheceu o direito de os homossexuais se casarem, com todos os benefícios e obrigações que a lei estipula. Mas nada mais longe. E não por uma questão de direitos e liberdades, mas de aceitação social.

Voltemos à Disney como empresa que abriu caminho com um tratamento especial aos gays. Há três meses ameaçou deixar de fazer negócios com o Estado da Geórgia se o governador sancionasse uma lei que permitiria, por um lado, funcionários do registro civil a se negarem a officiar uniões entre pessoas do mesmo sexo, por objeção de consciência e, por outro, organizações religiosas de despedir pessoas por sua condição sexual. Essa lei não é um episódio isolado. É uma cópia, de fato, de outra que tentaram aprovar no ano passado no Estado de Indiana.

O caso é que as leis podem ter avançado e que nas grandes cidades, como San Francisco, Nova York, Los Angeles e Washington, se possa viver a própria homossexualidade com liberdade, mas o que deveria ser normal é ainda considerado tratamento especial. Para que dois homens ou duas mulheres se deem a mão ou se beijem em público, a Disney não deveria precisar de um dia específico para os gays, como se essa comunidade devesse ficar contida em seu próprio perímetro.

Em algum momento no futuro será preciso ir mais além: se de verdade houvesse aceitação e normalidade social não seriam necessários os milhões de bares que há no mundo, como o Pulse, um lugar no qual foi tão fácil cometer um massacre. Os gays deveriam poder mostrar-se como tais onde quer que fosse, sem medos, sem riscos, sem agressões.

No momento, porém, isso é uma utopia, e não só nos EUA, mas também em países mais avançados em direitos LGBT, como a Espanha. Até que esse dia chegue será necessário que a comunidade gay tenha seus espaços de proteção e afirmação: dias especiais em parques temáticos, boates como a Pulse, manifestações do Orgulho Gay. E, no final, pouco mudaria que um radical, por motivos que logo as autoridades revelarão, abrisse fogo nessa

casa noturna ou em qualquer outra, matando dezenas de pessoas, qualquer fosse seu sexo ou condição. Para esse tipo de loucura não há distinções que cheguem.

*David Alandete*

**Acesse no site de origem:** [Atentado em Orlando: um golpe para a comunidade homossexual \(El País, 13/06/2016\)](#)

---

# Comovida, comunidade LGBT no mundo se nega a ceder ao medo

**(Exame, 13/06/2016)** De Berlim a Sydney, foram organizadas nesta segunda-feira concentrações de apoio aos homossexuais para mostrar seu horror depois da matança em um clube gay de Orlando e sua determinação de não ceder ao medo.

“Temos que permanecer unidos, defender nosso modo de vida e não ceder”, declarou à AFP Helmut Metzner, de 47 anos, militante da Federação Alemã de Lésbicas e Gays durante uma concentração em frente à embaixada americana em Berlim.

## **Leia mais:**

[Nada fará a comunidade LGBT voltar ao silêncio, por Mark Segal \(Extra, 14/06/2016\)](#)

[Terrorismo homofóbico, por Alexandre Vidal Porto \(Folha de S.Paulo, 14/06/2016\)](#)

[ONU condena ataques ‘atrozes’ em Orlando e cita Martin Luther King em discurso \(O Estado de S. Paulo, 13/06/2016\)](#)

[Casal homossexual denuncia homofobia e agressão em Centro Nordeste \(O Estado de S. Paulo, 13/06/2016\)](#)



Na capital alemã, mas também em Sydney, Bangcoc, Tel Aviv ou Paris, dezenas de pessoas assinaram livros de condolências, depositaram flores e acenderam velas em memória das vítimas do tiroteio.

Muitas vigílias estavam igualmente previstas durante a tarde em Londres e Amsterdã. “Ensinemos ao mundo que o amor será sempre mais forte que o ódio”, escreveram os organizadores holandeses no Facebook.

Em Moscou, no entanto, dois jovens russos foram detidos nesta segunda-feira quando depositavam flores em frente à embaixada americana em memória das vítimas, noticiou o jornal russo RBK.

Islam Abdullabeckov e Felix Gliukman foram à embaixada dos Estados Unidos deixar as flores e um cartaz com a frase “O amor vence - Fiquemos com Orlando”, quando foram detidos por dois policiais.

As concentrações em apoio à comunidade gay são sistematicamente proibidas na Rússia, onde a homossexualidade era considerada crime até 1993 e doença mental até 1999, e onde são frequentes os ataques homofóbicos.

Na madrugada de domingo, 49 pessoas morreram e outras 50 ficaram feridas quando Omar Seddique Mateen, um americano de origem afegã de 29 anos, abriu fogo no interior de um famoso clube noturno entre a comunidade gay de Orlando, na Flórida.

O atentado, reivindicado pelo grupo extremista Estado Islâmico (EI), provocou uma grande comoção entre os homossexuais que, ainda que muitas vezes sejam vítimas de ataques mortais em todo o mundo, nunca haviam sido alvos em matanças dessa magnitude.

“Este trágico acontecimento nos recorda até que ponto nossa comunidade está em perigo, ameaçada em sua existência”, lamentou a associação israelense “A casa aberta”.

“Me aterroriza um pouco, como gay que trabalha em um bar gay”, confessou à AFP Saleem Khan, garçom no Admiral Duncan, um bar do bairro do Soho de Londres que sofreu um ataque com bomba em 1999 deixando três mortos.

## **Orgulho gay**

Em “solidariedade” com os homossexuais, as grandes cidades conhecidas por sua tolerância com as minorias sexuais decidiram mostrar a bandeira do arco-íris, símbolo das lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais (LGBT).

A Torre Eiffel se iluminará nesta segunda-feira com estas cores, assim como foi feito antes pela embaixada americana em Estocolmo, pelas prefeituras de Tel Aviv e Nova York e pela ponte do porto de Sydney, local emblemático da cidade australiana.

Na França, um minuto de silêncio nas áreas de torcedores da Eurocopa terá lugar nesta segunda às 20H30 locais (15H30 de Brasília), antes da partida entre Bélgica e Itália.

Com o hashtag “#loveislove”, os internautas, conhecidos ou não, prestaram sua homenagem publicando mensagens “contra a homofobia” e fotos de mulheres se beijando, ou como Madonna, de homens abraçados.

“Orlando prova que necessitamos mais do que nunca estar orgulhosos”, tuitou o cineasta canadense Xavier Dolan, abertamente gay, enquanto o cantor britânico Boy George se declarou “inconsolável”.

Mas as redes sociais apenas conseguem filtrar os conteúdos homofóbicos. “Acabo de ler #jesuisgay... não conte comigo, irmão”, tuitava por exemplo uma jovem, enquanto outras mensagens eram claramente hostis contra os homossexuais.

De Washington a Moscou, passando por Pequim, pelo Vaticano ou pela Liga Árabe, os dirigentes condenaram em uníssono um “ato de terror e ódio”, segundo os termos do presidente Barack Obama.

O primeiro-ministro britânico David Cameron se mostrou “horrorizado” e o dirigente espanhol Mariano Rajoy condenou no Twitter um “ataque depreciável”.

E no Chile, o governo indicou que “a violência e o terror (...) não tem fundamento em sociedades livres e diversas”.

Todos, inclusive países como o Egito, onde a homossexualidade é fortemente reprimida, enviaram suas condolências aos parentes das vítimas e ao povo americano. Ainda que muitos tenham desviado do caráter homofóbico da matança, dando lugar a ambiguidades.

Na Polônia, o silêncio do Executivo suscitou a decepção dos militantes da causa gay. “Nem sequer sabem reagir diante de um acontecimento tão trágico”, lamentou Tomasz Bacowski, presidente da Fundação da Igualdade.

***Acesse no site de origem: [Comovida, comunidade LGBT no mundo se nega a ceder ao medo \(Exame, 13/06/2016\)](#)***